
DEPOIMENTOS

PODEM CRER: EU VI, OUVI E FIZ (*)

Edla de Araújo Lira Soares (1)

PODEM CRER:

Ouvi muitos professores dizerem e vi muitos professores escreverem;

"Aqui, pensaremos, falaremos e escreveremos sobre tudo que acontece em nossas vidas: a tua, a de Ana, a de Carlos, a de Sandro, a minha, a de todos.

Falaremos do ônibus: o preço da passagem e quando não podemos pagá-la: o lugar e o tamanho da borboleta.

Falaremos do trabalho: o trabalho de quem tem e o biscate de quem não tem; o salário recebido e as necessidades sentidas.

Falaremos da habitação: o lugar de dormir e o de guardar os pertences.

As festas: São João, Carnaval, Natal, São Cosme e São Damião, da Padroeira... E todos os lugares das nossas rezas.

(*) Um dos modos de entender a prática pedagógica – Escolas Municipais do Recife.

(1) Professora-assistente do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais do Centro de Educação da UFPE e Secretária Municipal de Educação e Cultura da Cidade do Recife – 1986/1988.

A família: a família que não escolhemos e nela vivemos.

Os amigos: amigos que fizemos; companheiros de lutas que sempre tivemos.

E, por aí afora, não temos dúvida, caminharemos”.

PODEM CRER:

Aconteceu mesmo!

Lembro-me bem: Dia da Criança, todos olhavam o livro distribuído. O título: Vamos escrever um livro? Atraía todos. A leitura não deixava por menos. Nas histórias do lixo, do gari, do cachorro e tantas outras que estavam registradas, sentiam-se na condição de autores. Todos produtores. Espelhava-se a produção do dia-a-dia.

Mesmo assim, muita desconfiança...

Um dia, chegou um calendário que dizia: “Aqui, o povo mesmo conta a sua história”.

Depois, circulou um jornal com artigos escritos por muita gente.

Falas, dos meninos do Pré-escolar e do Ciclo de Alfabetização, li várias. Escrevia-se e escreve-se muito sobre elas.

A energia estimulava e estimula a falarem e escreverem sobre o que se passava e se passa no seu pensamento e nos seus sentimentos a respeito de suas vidas.

Movimento bonito. Só vendo! Do Pré-escolar ao 2º Grau, o esforço era e é de entender cada vez mais porque a vida era e é deste ou daquele jeito.

E, assim, perguntas e explicações foram se construindo a cada momento:

– Será que a vida foi sempre assim?

– Por que tantas diferenças entre as vidas das pessoas?

Difícil de entender: uns estão satisfeitos e nada querem mudar; outros, a maioria, lutam desesperadamente para transformar.

E nessa diferença das lutas, refletindo-se daqui e escrevendo-se dali, continua crescendo o entendimento que se tem acerca das vidas, por nós – bem ou mal – vividas.

Uns devagar, tijolo sobre tijolo, outros, de repente. Dependendo do ritmo das turmas, uns correm mais, outros correm menos. Mas todos estão envolvidos no processo.

Um processo que provocou surpresas: foi mudando a qualidade das escolas. Principalmente daquelas que estão distribuídas nas periferias... São tantas: nos Córregos, nos Altos, nas Avenidas e nas Estradas dos “SEM” terra, habitação, emprego, lazer e tantas outras negações.

É por isso que surpreende todos tão parecidos... Não fossem os nomes: Córrego da Areia, Córrego do Idalino, Córrego da Bica, Alto da Brasileira, Alto Nossa Senhora de Fátima, Alto do Eucalpto... seriam confundidos pelos problemas que os homogeneizam.

PODEM CRER:

Pensando esses problemas, essas lutas e construindo as possibilidades de mudança, muitas explicações foram construídas. Muitas falas produzidas e escritas. Esta é uma delas. Tem as características do próprio movimento de produção do saber. É Coletiva e Permanente. Ousa inscrever-se no conjunto das lutas pela transformação das relações que, na sociedade brasileira, explicam a exploração do nosso povo.

RESENHA

ROCHA, Edna Maria Garcia. *Os encontros pedagógicos de professores da educação básica de jovens e adultos num projeto que teima em dar certo*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, 1989*

Garcia se propõe neste trabalho “refletir sobre o processo de capacitação da Educação Básica de Jovens e Adultos, no período de 1988”, realizado a partir da instituição de um projeto – PROJETO TEIMOSIA – pela Secretaria de Educação do Município do Recife, do qual participou ativamente. A autora discute, em linhas gerais, a contribuição do projeto para um pensar a serviço da classe trabalhadora, na direção da construção de uma escola de qualidade.

Nesse sentido, procura avaliar as possibilidades e limites para a realização dessa contribuição, considerando a inserção do projeto no âmbito do Estado – sociedade política –, que se caracteriza no sistema capitalista como espaço do exercício do poder institucionalizado, de acordo com a direção mais global das classes detentoras do poder na sociedade.

O trabalho está estruturado em três partes. Na primeira parte, onde questões teóricas mais fundamentais são colocadas, a autora analisa o pro-

* Monografia apresentada à UFPE como requisito para conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação, março 1989.

cesso de eleição do prefeito da cidade do Recife, no ano de 1985, considerando-o como “uma conquista do povo/um avanço na história política brasileira”. No bojo das discussões desse processo Garcia analisa questões relativas à Política Educacional da Administração Municipal nesse período, colocando como propósito dessa área, a nível do discurso, a redefinição de sua política, “tomando como referência o resgate da cidadania que se concretiza quando os sujeitos desse processo são co-participantes da luta coletiva por uma escola de qualidade”.

A autora apresenta e questiona a possibilidade de uma educação popular promovida pelo Estado, uma vez que educação popular é “uma decorrência de um projeto político de natureza popular e isso não é a realidade da proposta do Estado brasileiro”. Admite, no entanto, que o espaço da escola pública e de sua organização possa ser “utilizado pelas camadas populares e por grupos comprometidos com seus interesses”.

Nas partes seguintes a autora discute, mais especificamente, o Projeto Teimosia.

Na segunda parte, é analisada a concepção de capacitação e destacada a sua importância dentro do Projeto em referência, considerando as trocas de experiências, as aquisições de novos conhecimentos para a compreensão política e científica das relações entre os vários sujeitos da prática pedagógica.

Na terceira parte, enfatiza tanto o compromisso professor-educador com a escola pública, questão que deveria ser melhor aprofundada, considerando os diversos elementos que nela intervêm, quanto a visão do trabalhador-aluno na relação professor/aluno, aluno/direção.

Esta obra se constitui, a nosso ver, apesar dos limites impostos pela própria natureza da mesma, uma contribuição significativa, através da utilização do espaço acadêmico, para a construção de uma reflexão sobre práticas estabelecidas no seio da escola pública, evidenciando as possibilidades e limites das ações dos que fazem e acreditam nessa escola, na medida em que a mesma é colocada a serviço da classe trabalhadora.

Rosilda Arruda Ferreira

Professora do Departamento de Fundamentos
Sócio-Filosóficos do Centro de Educação da UFPE